

# CARTA MENSAL

## COLÉGIO BRASILEIRO DE GENEALOGIA

ANO XIII - Nº 59 - MAI/JUN/2001

Editor: Victorino Chermont de Miranda

### A "BIBLIOGRAFIA PRELIMINAR SOBRE GENEALOGIA NO BRASIL"

Miridan Britto Knox Falci  
Sócia Colaboradora

Lançada há pouco tempo no mercado editorial, esta *Bibliografia preliminar sobre genealogia no Brasil* faz parte do Projeto Memória Genealógica Brasileira, do Colégio Brasileiro de Genealogia, que objetiva divulgar o que se publicou no Brasil, em livros e revistas, sobre as origens das famílias brasileiras e das famílias estrangeiras radicadas no Brasil.

Trata-se de excelente e extenso levantamento de fontes genealógicas encontradas na Biblioteca Nacional, no Arquivo Nacional, no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, no Instituto Genealógico do Rio Grande do Sul, na Universidade de São Paulo, nas Universidades Federais do Paraná e Santa Catarina, na Biblioteca Pública do Paraná e na biblioteca particular de Roberto Menezes de Moraes.

O livro, com 385 páginas bem impressas e, muito bem organizado, arrola 2964 referências sobre genealogia no Brasil publicadas até 1999, sob a coordenação do genealogista Victorino Chermont de Miranda, vice-presidente do Colégio Brasileiro de Genealogia, aliado a uma equipe de três bibliotecárias (Dirciléa Fernandes de Sá, Maria José da Silva Fernandes e Nancy Simão da Rocha) e uma bacharel em letras (Anna Maria P. J. Nalci) e com a ajuda preliminar de Esther Bertoletti.

A genealogia, assim como a numismática, a heráldica, a epigrafia, a paleografia, a criptografia são chamadas de ciências auxiliares do historiador. Através delas e com os diversos elementos que elas oferecem, o historiador acrescenta mais algumas peças no grande contexto que é a análise social de uma região ou de uma época. Essas ciências servem, na verdade, como fontes ou, no dizer da obra *L'Histoire et ses méthodes*, como "testemunhos figurados da História".

Mas essa significação da genealogia, hoje universalmente aceita, se formou com dificuldade. Embora sendo uma das ciências mais antigas do mundo, pois no Antigo Testamento há grandes levantamentos genealógicos realizados com a finalidade de marcar a separação entre as tribos e as famílias, perpetuar a propriedade das terras e indicar os verdadeiros descendentes da tribo eleita, os levantamentos genealógicos foram motivo de inquietação e de desconfianças devido aos objetivos com que ela era feita.

No Antigo Regime (período que o historiador define como terminando na época da Revolução Francesa, no século XVIII) a genealogia foi, na França, reservada a uma classe privilegiada. A genealogia serviu então para provar-se a nobreza necessária à obtenção de acesso às diversas dignidades: ordem de cavalaria, empregos militares, honorárias da corte. O candidato devia provar, com documentos autênticos (registros paroquiais), sua filiação, fazendo-a remontar tanto mais distante quanto fosse necessário segundo a exigência dos casos.

Também no período colonial do Brasil a filiação legítima e “sem sangue negro, mouro ou judeu” foi exigência para a pretensão de candidatos em cargos importantes da Coroa ou na carreira religiosa.

E é por isso que, observando a documentação encontrada no Arquivo do estado do Maranhão, relativa ao bispado (que compreendia Maranhão e Piauí), encontramos a certidão de batismo do primeiro vigário de Oeiras, João de Sousa Martins, que a História conhecia ser filho ilegítimo do Barão e Visconde da Parnaíba, rasurada na letra i de ilegítimo a partir da segunda cópia e apresentação do referido pároco pelas autoridades coloniais. Como este caso acima citado, muitos outros documentos foram danificados quando personagens históricos se viram descobertos nos “crimes de amor” de seus pais ou avós.

Hoje, com a concepção social que temos de que a sociedade se compõe de famílias e não de indivíduos, a ciência genealógica se estende por todas as famílias quaisquer que elas sejam e deixa para segundo plano as considerações nobiliárquicas.

Mas se genealogia é o arrolamento dos membros de uma família através dos tempos, devemos lembrar que o conceito de família varia de grupos humanos para grupos humanos, de regiões para regiões e de épocas para épocas históricas.

Entre os indígenas brasileiros família era o grupamento de pessoas com patrilinearidade embora com mater focalidade, mas cabia ao mais velho da tribo, o pagé, relembrar aos mais novos, acocorados à beira das ocas, ao cair da tarde, os nomes e os feitos de seus antepassados numa prova da crença do valor do antepassado e do sentido familiar que interligava os indivíduos.

A família ocidental cristã foi calcada nas concepções da Sagrada Família Cristã, partindo da união realizada pelos laços sagrados e onde as figuras do pai, da mãe e do rebento estavam presentes e indissociáveis, vivendo e convivendo sob um mesmo lar e sob o poder do pai de família. A família no Antigo Regime ocidental cristão foi assim a agregação do casal e dos filhos dessa união resultante.

Hoje, as concepções do que é família não se atêm apenas aos descendentes de casal unido pelo sacramento do matrimônio ou determinado pela Lei Civil. O Censo brasileiro (IBGE 2000), por exemplo, parte da concepção de que família pode ser constituída de mãe solteira ou pai solteiro, vivendo sob o mesmo teto com seus filhos, deles nascidos ou reconhecidos como tais.

Assim o conceito de família tem sido historicamente construído.

E, enquanto nas sociedades ágrafas, não letradas, a “genealogia” era transmitida oralmente de avós aos netos, a nossa ciência genealógica se consubstancia na transmissão, agora escrita, do conhecimento de quem eram nossos avós, bisavós ou tetravós, etc. Como para os indígenas, a genealogia é a peça chave para o estudo “da nossa família”.

A Carta Mensal (jan/mar/2001) do Colégio Brasileiro de Genealogia informa que mesmo entre os vietnamitas, segundo o bispo Nguyễn Van Thuân, presidente do Pontifício Conselho Justiça e Paz, em extenso artigo sobre a genealogia de Cristo, a propósito do Jubileu do ano 2000, é grande o valor da memória genealógica no mundo oriental. A memória dos antepassados é uma coisa que consideram muito conservando com piedade e devoção o livro da genealogia familiar. Ele mesmo conhecia os nomes de quinze gerações de seus antepassados, desde 1698.

Como disse Jacques Meurgey de Tupigny, “observa-se assim a utilidade da genealogia do domínio da sociologia. Se ela tem por natureza desenvolver o sentido familiar tende, assim, a promover a reconciliação social substituindo a noção de nobreza pela de ancestralidade. Como auxiliar da história ela tem um papel importante já que as alianças, as guerras, os tratados, as transmissões territoriais, a sucessão de direitos e de títulos se explicam, muitas vezes pelas parentelas que os historiadores se esforçam para trazer à luz”.

É por isso que no desfiar das referências que são apresentadas no *Bibliografia Preliminar* encontramos obras de sociólogos e historiadores como Linda Lewin com seu *Política e parentela na Paraíba* (n. 563), Bugyja Britto com seu *Narrativas Autobiográficas* (182), Gilberto Freyre com o seu *O velho Félix e suas Memórias de um Cavalcanti* (426) ou Egon e Friedda Wolff com o seu *O índio, o negro e seus descendentes na obra de C.G.Rheingantz* (1049) e a obra de Carlos Eduardo Barata e Antônio Henrique da Cunha Bueno, *Dicionário das famílias brasileiras* de 2 volumes (n.94) onde são arroladas famílias nem sempre ricas, ou nobres, mas que viveram, casaram e morreram ocupando regiões deste vasto Brasil e deram o sentido de nacionalidade a este grande espaço geográfico. São relacionados mais de 1056 títulos de monografias que tratam direta ou indiretamente de genealogia de famílias brasileiras.

Mas o que mais impressiona no *Bibliografia preliminar sobre genealogia* é o arrolamento dos títulos de trabalhos genealógicos encontrados em periódicos. São periódicos de várias instituições, de vários estados, são revistas não especializadas em genealogia como a *Manchete*, são obras de tiragem pequena e circulação restrita, mas que produzem títulos dessa ciência, numa profusão de pesquisa e de trabalho impressionante que vem acontecendo no Colégio Brasileiro de Genealogia por 12 aos. Esse levantamento equivale a um verdadeiro resgate, como diz o seu coordenador, “já que tal produção é praticamente desconhecida das novas gerações de pesquisadores”.

E a coordenação invoca a colaboração, ao Projeto Memória Genealógica Brasileira, de leitores que souberem de livros ou periódicos não listados, para futuro acréscimo a esta edição.

Instrumentos valiosos para o pesquisador, os catálogos de levantamento de fontes são às vezes, desconhecidos pelos nossos pesquisadores mais jovens por não terem ainda a capacidade de observar e até retirar, dos mesmos, dezenas de informações que podem adiantar e orientar os seus estudos.

Esperamos, no entanto que a divulgação desta *Bibliografia preliminar sobre genealogia* incentive novos estudos e traga novos frutos de pesquisa histórica e genealógica. É o que os historiadores e os genealogistas precisavam.

---

MEURGEY DE TUPIGNY, Jacques "Genealogie", In *L'Histoire et ses méthodes*. Encyclopedie de la Pléiade, Editions Gallimard. Paris . 1961.p.p. 725-737

#### EDITAL PARA PREENCHIMENTO DE VAGAS

Acham-se abertas 2 (duas) vagas no quadro de Sócios Adjuntos.

Os interessados em concorrer deverão atender às seguintes condições: (a) ser sócio colaborador e (b) ter obra publicada no campo da genealogia ou heráldica ou estar desenvolvendo pesquisa de caráter genealógico ou afim, de abrangência para determinada região ou família.

Inscrições abertas até 31 de agosto próximo.

É assegurado aos sócios titulares e adjuntos, em número mínimo de dois, procederem a indicações.

Paulo Carneiro da Cunha  
Presidente

la  
2 / 80

Remetente: COLÉGIO BRASILEIRO DE GENEALOGIA  
Endereço: Av. Augusto Severo, 8/12º andar – parte – Glória  
CEP-20.021-040 Rio de Janeiro RJ

IMPRESSO

VELHOS TRONCOS BRASILEIROS  
XII – Os Casados, do Rio Grande do Sul

A família Casado, do Rio Grande do Sul, representa um dos maiores contingentes que, para o povoamento, progresso e grandeza do Continente, levou a colonização açorita. Desdobram-se, por gerações, em vultos de alto destaque, nas letras, nas milícias, e vem, até os dias que correm, assinalando-se por homens de real valor. A revolução de 35, como era natural, deu a família Casado, grandes nomes, entre os quais se destaca o do coronel Onofre Pires da Silveira Canto, que é um dos maiores fautores do 20 de setembro.

Foi tronco dessa família, no Faial, o casal de Francisco Pires Casado e Felipa Antônia da Silveira, naturais do Pico. Para o Rio Grande, com as primeiras levas de casais, foram os quatro filhos desse tronco: Francisco Pires da Silveira Casado, padre Pedro Pires da Silveira Casado, José Francisco da Silveira Casado e Inácio Antônio da Silveira.

Francisco Pires (1724-1803) veio casado do Faial com Mariana Eufrásia da Silveira, filha de Antônio Furtado de Mendonça e Izabel da Silveira, outro casal que foi para o Rio Grande, com geração de destaque. Teve Francisco Pires oito filhos, dando origem a várias famílias de Pelotas, sendo que desses, Joana Margarida, casada com Baltazar Gomes Viana, português, pais de Mateus Gomes Viana, o *Mateuzinho das Leis* que, casado com Maria Francisca Antunes Maciel, são os pais de Francisco Antunes Gomes da Costa, barão do Arroio Grande.

O Padre Pedro Pires foi um dos primeiros proprietários do rincão de Pelotas, onde está hoje assente a cidade desse nome, que pertenceu também a Francisco Pires, cuja viúva, Mariana Eufrásia, fez doação de terras, sendo assim a fundadora dessa cidade. Morreu o padre Pedro, em 1782, em Viamão, de cuja paróquia era vigário.

O capitão-mor José Francisco da Silveira Casado é uma das figuras mais interessantes da história riograndense. Era conhecido, devido às suas liberalidades e aspecto nobilíssimo, pelo apelido de *Conde da Cunha*. Quando vieram para o Brasil os Casados já eram homens de posses pecuniárias, mas José Francisco, pelo seu espírito empreendedor, num trabalho assíduo, conseguiu ser uma das maiores fortunas de seu tempo. Vieira casado com Bibiana Josefa Bitencourt do Canto, natural da ilha Terceira, filha de Diogo Bernardo Ursua de Montojos e de Luíza Josefa do Canto. Teve no Rio Grande dez filhos. Dele procedem o sargento-mór José Pires da Silveira Casado, nascido em Viamão, que casou com Rita de Melo de Azeredo Coutinho, filha do capitão Estácio Borges Bitencourt do Canto e de Ana de Melo de Azeredo Coutinho, de entre cujos filhos fazem parte: Estácio Pires, casado com Maria José Macedo, filha do capitão-mor Manuel de Macedo Brum da Silveira, irmã do juiz de paz do mesmo nome [...]; Manuel José Pires casado com Rita Fausta, filha do tenente Pedro José Corrêa da Câmara; Ana Pires que casou com Antônio José Fernandes Lima, filho de José Antônio Fernandes Lima e irmão, pelo primeiro matrimônio deste, de Maria Elisa, que casou com o visconde de

S. Leopoldo, e pelo segundo matrimônio, também irmão de Antônio José Corrêa da Câmara, segundo visconde de Pelotas. O 4º filho do sargento-mor Manuel José Pires é Agostinho José Pires da Silveira [...].

Ana Francisca, segunda filha do capitão-mor *Conde da Cunha* casou com Vicente Ferreira Leitão, um grande farroupilha [...]. A 3ª, Luiza Joaquina casou com Domingos de Almeida Lemos Peixoto, sendo pois de Babiana Joaquina, casada com Francisco Prestes de Paula Barreto [...] rebelde e remetido, preso, para o Rio de Janeiro.

O 4º filho do capitão-mor é José Antônio da Silveira Casado que matrimoniou-se com Maria Eulália Veloso da Fontoura, filha de João Batista d'Agan e Maria Angélica, e neta de João Carneiro da Fontoura, o 1º. Vem desse tronco os Fontouras Casados, representados nos Costalat, Dias de Castro e outros, procedendo desse ramo o [...] ministro do Supremo Tribunal e professor de Direito, dr. Plínio Casado. O 5º filho do capitão-mor é Pedro Pires da Silveira Casado, que casou com Ana Clara Barbosa de Menezes Petim, do tronco Ornelas e Vasconcelos, pais do coronel Onofre Pires da Silveira Canto.

Inácio Antônio da Silveira, último filho do tronco primitivo dos Casados, foi casado com sua sobrinha Maurícia Inácia, filha de Francisco Pires da Silveira Casado, e teve, entre outros filhos, a João Inácio da Silveira, que também, como farroupilha, figura neste "Processo".

Aurélio Porto

*Notas ao Processo de Farrapos*

### NOTICIÁRIO

O Colégio realizou, em 23 de maio p.p., o lançamento da *Bibliografia preliminar sobre genealogia no Brasil*, levantada pelo Colégio, ao longo dos últimos doze anos, dentro do Projeto Memória Genealógica Brasileira (ver artigo de capa). O lançamento, na sede do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, contou com a presença de seu presidente, Arno Wehling, e dos presidentes dos Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro e do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil, Prof. Cybelle de Ipanema e Cel. Luiz Paulo Macedo, além de inúmeros genealogistas e historiadores. O Coordenador do Projeto, nosso confrade Victorino Chermont de Miranda, fez a apresentação da obra e recordou os pioneiros do levantamento agora publicado. Na ocasião, a Diretoria ofereceu um vinho de honra aos presentes. \*\* Carlos Eduardo Barata e Antônio Henrique Cunha Bueno lançaram, em São Paulo, em 28 de maio, o tomo II, de seu *Dicionário das famílias brasileiras*, em dois tomos com 2.724 páginas e 17.460 verbetes, cobrindo fundamentalmente a imigração italiana e japonesa naquele estado. O lançamento teve lugar no Museu da Casa Brasileira, com grande afluência de público. Acompanha o texto, um CD-Rom, com 4.000 imagens e um programa de genealogia. \*\* Também em São Paulo, o sociólogo e crítico literário Antônio Cândido de Melo e Souza prepara-se para o lançamento da biografia de seu bisavô, Antônio Nicolau Tolentino, sob o título "Um funcionário da monarquia: estudo sobre o segundo escalão". Em matéria de página e meia do Caderno do *Jornal do Brasil*, de 20 de maio, a repórter Ana Cecília Martins revelou o gosto do referido pensador por genealogia "de qualquer família e de qualquer extrato social". O lançamento tem data prevista para o 2º

semestre do corrente ano e é aguardado, com vivo interesse pelos genealogistas, pois revela o olhar de um dos principais pensadores brasileiros da atualidade sobre a trajetória de um chefe de linhagem. \*\* Em Porto Alegre e São Paulo, o Instituto de Genealogia do Rio Grande do Sul – INGERS e a Sociedade Genealógica Judaica do Brasil lançaram novos números dos boletins *Notícias* e *Gerações/Brasil*, contendo artigos e matérias de interesse histórico e genealógico. \*\* Enquanto isso, em Portugal, o Centro de Estudos de Genealogia, Heráldica e História da Família, da Universidade Moderna, acabou de lançar o 4º número de sua revista *Genealogia e Heráldica*, sob a direção do prof. Gonçalo de Vasconcelos e Souza. A revista se propõe dar aos estudos em tela bases científicas para sua teorização, além de um novo domínio das fontes municipais, notariais e processuais essenciais ao desenvolvimento daquelas. \*\* Edison Rivero Martins, nosso confrade lançou em Porto Alegre, sob os auspícios do INGERS, o seu *Genealogia para iniciantes em perguntas e respostas*, trabalho oportuno e sempre útil à divulgação dos estudos genealógicos. E, em Vassouras, nossos confrades Roberto Menezes de Moraes e Vilma Dutra Moraes lançaram estudo intitulado *Notas para a correção da Genealogia dos Rodrigues Alves Barbosa, de Vassouras* (em especial a filiação dos Barões de Ribeirão), fruto das pesquisas de campo que desenvolveram, naquele município, sobre o tema. \*\* Encontros de famílias: o Rio Grande do Sul continua a liderá-los – os Brauwiers, em São Vendelino, e os Büttenbender, em Santa Cruz, realizaram novos congraçamentos no trimestre findo. E, como eles, os Klein, em Caí, que celebraram seu 1º encontro. Tais eventos, que aqui ainda não chegam a fazer regra, são verdadeira febre na França, onde até livros ensinam como organizar as chamadas “cousinades”. \*\* A evocação da memória dos antepassados, que tem na Igreja dos Santos dos Últimos Dias (Mórmons) o seu forte, ganha adeptos no catolicismo. Depois do testemunho do bispo vietnamita, que transcrevemos em nosso último número, é a vez do padre Marcelo Rossi. Na sua revista *Terço Bizantino*, de junho p.p. (ano 1, nº 1), aquele sacerdote conclama os leitores a acompanhá-lo, no seu programa radiofônico, na oração pelos antepassados. E publicou uma árvore genealógica, com espaços para serem completados (5 gerações), com os nomes de cada um, tendo ao fundo uma imagem de Cristo. E para os que não saibam os nomes, a revista aconselha: “basta preencher os espaços com a frase “Jesus sabe”. \*\* Nosso confrade Admário Rocha Azevedo tomou posse como secretário de Cultura de Rio das Flores, RJ, e está mobilizando a comunidade para a criação de um Arquivo Municipal. Nossos parabéns a ele. \*\* Enquanto isso, no Rio de Janeiro, os genealogistas Evaldo Cabral de Melo e Victorino Chermont de Miranda foram escolhidos pela ASBRAP para integrar o Conselho Editorial de sua revista. \*\* Nosso 2º Secretário, Attila Augusto Cruz Machado, por seu turno, apresentou comunicação no VI Congresso Nacional da História da Medicina, realizado em junho p.p., em Barbacena, MG, sob o título “Fisicatura mor: físico-mor do Reino de Portugal, do Reino Unido e do Império do Brasil”. E Mário de Méroe, nosso colaborador de São Paulo, publicou no *Cartulari d’Historia de Catalunha* (a.1, n.1), órgão do Instituto de Estudos de História da Catalunha (Barcelona), artigo intitulado “La legendaria Etiópia”. \*\* Antônio Guilherme de Paiva (S.João del Rei, MG) está pesquisando sobre os Sandim e os Paiva. O patriarca da família, Manoel Gomes Sandim, era natural de Recife e fixou residência (c. 1750) em Prados, MG. Seus filhos mudaram-se para Cajuru (atual Arcângelo) e São João del Rei. In-

formações para [agpaiva@sg.com.br](mailto:agpaiva@sg.com.br). Já Aristides Almeida Rocha, de São Paulo, SP, anda atrás dos Araújo Padilha, de Minas Gerais e Santo Antônio de Pádua, RJ. Notas para Av. Moaci, 2017, CEP: 04083-005, São Paulo, SP, aos cuidados daquele. \*\* *Macaenses no Rio de Janeiro* – O Projeto Macaenses no Rio de Janeiro, promovido em convênio do IIM – Instituto Internacional de Macau (China) com o Real Gabinete Português do Rio de Janeiro, tem como objetivo o levantamento de todos os macaenses residentes no Estado do Rio de Janeiro. Está sendo conduzido pelo nosso confrade Carlos Francisco Moura e pelas historiadoras Anita Correia Lima de Almeida e Andréa Doré. Os macaenses que quiserem colaborar devem escrever para a Caixa Postal 3064, Rio de Janeiro/RJ, CEP-20001-970, ou comunicar-se com o E-mail [anita@ax.apc.org](mailto:anita@ax.apc.org) ou com o E-mail [dorelima@rio.nutecnet.com.br](mailto:dorelima@rio.nutecnet.com.br). \*\* O CBG registrou com pesar a notícia do falecimento dos confrades Mauro de Almeida Pereira, nosso sócio adjunto de Leopoldina, MG, e Alberto Libânio Rodrigues, colaborador de Conselheiro Lafeyette, MG que só agora nos chegaram. \*\* Você tem idéia de quantas são as instituições genealógicas hoje em funcionamento no Brasil? Pois saiba: nove. São elas: o Instituto Genealógico-Brasileiro (São Paulo), o CBG (Rio de Janeiro), o INGERS (Porto Alegre), o Instituto Genealógico e Heráldico da Paraíba (João Pessoa), o Instituto Genealógico da Bahia (Salvador), a ASBRAP (São Paulo), o Centro Genealógico de Santa Cruz do Sul (CEGENS), a Sociedade Genealógica Judaica do Brasil (São Paulo) e o Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Sorocaba. Parece muito? Talvez. Mas se tivermos presente que, na França, existem 400 círculos genealógicos e nos EUA 560, veremos o quão longe estamos em matéria de divulgação genealógica. \*\* O Colégio prosseguirá com o Projeto Memória Genealógica Brasileira. Compre o exemplar do catálogo recém-lançado, confronte com a sua biblioteca e se encontrar algum título que não tenha sido incluído, envie-nos os dados correspondentes ou a xerox da respectiva ficha catalográfica (verso de folha de rosto). Venha superar a marca dos 3.500 títulos! \*\* Errata: no cabeçalho de nossa *Carta Mensal* nº 58 constou ano XIV, quando o certo é XIII, e o período como sendo jan/mar., quando, em verdade, cobriu as atividades de jan/abr.

#### BIBLIOTECA

O Colégio recebeu, dentre outras, as seguintes publicações para a sua biblioteca: *Revista Interamericana de Heráldica*, nºs 15 e 16, por doação do Colégio Heráldico de Espanã y de las Indias (Madrid, 2000/01); *Genealogia para iniciantes em perguntas e respostas*, por doação de seu autor Edison Rivero Martins (Porto Alegre, 2001); *Notas para a correção – da genealogia dos Rodrigues Alves Barbosa*, de Vassouras, por doação de seus autores Roberto Menezes de Moraes e Vilma Dutra Moraes (Vassouras, 2001); *Brasões de algumas famílias nobres de Portugal*, de Nuno Catharino Cardoso, v. 1 e 2 (em xerox), por doação de Victorino Chermont de Miranda e *São Benedito do passado e do presente*, de Anibal Barreto (Rio de Janeiro, 1963), por compra.